CELEBRANDO 50 ANOS DE ENTRAD: ENCONTROS PARA FALAR DE TRADUÇÃO[1]

CELEBRATING 50 YEARS OF ENTRAD: TALKING ABOUT TRANSLATION

Eliza Mitiyo Morinaka[2]
Universidade Federal da Bahia
Maria Alice Antunes[3]
Universidade Federal da Paraíba
Monique Pfau[4]
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Texto de apresentação do dossiê.

Palavras-Chave: Estudos da Tradução; Evento nacional; Evento internacional.

[1] Evento promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), com financiamento do CNPq, Processo 440963/2025-7 e da CAPES, Processo PAEP-20253499300P. A realização do ENTRAD 2026 só foi possível graças à valiosa parceria com a Universidade Federal da Bahia e a Universidade do Estado da Bahia e com os Programas de Pós-Graduação em Literatura e Cultura e em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, e com o Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia. Também contamos com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

[2] emorinaka@ufba.br.
[3] maria.antunes@academico.ufpb.br.
[4] monique.pfau@ufba.br.

Abstract: *Text presenting the dossiê.*
Keywords: *Translation Studies; National conference; International conference.*

A comunidade da tradução foi presenteada com palestras inspiradoras durante o XV Encontro Nacional e IX Encontro Internacional de Pesquisa em Tradução (ENTRAD), realizado na Universidade Federal da Bahia, entre os dias 10 e 14 de novembro de 2025. A Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT) organizou esse encontro com muita dedicação e alegria para comemorarmos os 50 anos do ENTRAD. Nosso evento, *Bahia de Todas as Traduções,* acolheu mais de 800 pessoas inscritas, vindas de todas as regiões do Brasil, e algumas que atravessaram fronteiras para profícuas trocas acadêmicas e profissionais, sem nos esquecermos das amizades que amalgamam essas relações. Durante os cinco dias de eventos, tivemos a oferta de sete oficinas, duas conferências, sete mesas-redondas, 33 simpósios e cinco sessões de pôsteres.

Esta coletânea, composta por oito artigos derivados de palestras proferidas em mesas-redondas e de uma conferência, representa um microcosmo das discussões nos Estudos da Tradução na contemporaneidade. Os artigos que tratam de temas como tradução e negritude, tradução e gênero, tradução comunitária e interpretação de Libras desvelam as mudanças sociais que ocorrem gradativamente no Brasil no século XXI, ainda que muitas outras sejam necessárias e desejadas pela nossa comunidade. Pelo fato de a *Revista Estudos Linguísticos e Literários* já ter publicado artigos com temas e pesquisas próximos aos que compõem este dossiê, dirigimos a atenção do público leitor a estas referências inseridas em notas de rodapé.

Tomando como fio condutor o conceito de **comunidade**, que é a segunda palavra no subtítulo do nosso evento, e que une as palavras diversidade e alteridade, o artigo de Sabine Gorovitz, "A interpretação comunitária no Brasil:

assistência linguística a populações migrantes recém-chegadas", ressalta a importância da necessidade de se implementar serviços institucionais como parte de políticas públicas para atender a comunidade de pessoas migrantes e refugiadas que se encontram em situação de vulnerabilidade por muitas vezes não terem acesso aos serviços básicos por desconhecimento da língua portuguesa. Usando bibliografia recente sobre o tema, seu argumento inicia-se com um panorama da repressão linguística no Brasil no período colonial, que resultou no monolinguismo atual, para depois apresentar o perfil sociodemográfico dos migrantes que chegaram recentemente ao Brasil, levantado por meio de censos e de informações de órgãos oficiais, e aí evidenciar uma falha na coleta de dados sobre o perfil linguístico dos migrantes, o que compromete a formulação de políticas linguísticas mais inclusivas. A formação de profissionais que atuam na interpretação comunitária é essencial nessa intermediação linguística e Gorovitz relata as ações do grupo MOBILANG, da Universidade de Brasília, que articula ensino, pesquisa e extensão para pensar essas questões.

Paralelamente, o artigo de Anelise Gondar, "O lugar (nos/dos estudos) da interpretação: a iminência de paradigmas necessários diante dos desafios da contemporaneidade", traz uma contribuição atual e urgente sobre a modalidade de interpretação de conferência, no que se refere às mudanças no cenário global em relação a emergências sanitárias, conflitos regionais e, em última instância, à inteligência artificial. Sua proposta é discutir essas questões, especialmente no Sul Global, a partir de três paradigmas: intermodalidade, culturalidade e decolonialidade. O texto apresenta uma análise crítica sobre um capitalismo que se esgota no Norte Global, trazendo uma reflexão interessante sobre a capacidade dos Estudos da Interpretação no Sul Global de gerar insumos e discussões a partir dos três paradigmas apresentados.

Ainda sobre a interpretação de conferência, porém agora no universo das línguas sinalizadas, Diego Maurício Barbosa, em "Interpretação de conferência de português para Libras: estratégias linguísticas sob uma perspectiva funcionalista", problematiza temas como restrição temporal, demanda cognitiva e ausência de revisão na interpretação simultânea. Com base na teoria funcionalista da tradução em um corpus de registros audiovisuais, o autor observa as estratégias reativas e proativas de intérpretes profissionais, defendendo que a interpretação se mantém muito mais a partir de uma correspondência funcional do que técnica, considerando que intérpretes negociam continuamente com a ação comunicativa, a construção de sentido, a carga cognitiva e a inteligibilidade da mensagem. Por fim, o autor leva essa discussão para a prática e a formação de intérpretes de Libras, visando ao desenvolvimento da capacidade de análise, antecipação e tomada de decisão situada.

Sobre tradução e negritude, temos duas valiosas contribuições para este dossiê. A primeira, de Luciana de Mesquita Silva, "Refletindo sobre As Cabeças das Pessoas Negras: paratradução em foco", analisa os paratextos da coletânea de contos da obra supracitada, de Nafissa Thompson-Spires. Mesquita propõe uma discussão sobre os processos de escrita, publicação e tradução, com destaque para a produção de mulheres negras. Considerando que o seu maior enfoque está nos paratextos, a autora observa a paratradução com base em questões comerciais e de resistência a apagamentos históricos sobre a negritude. Nesse sentido, ainda que atualmente haja uma mercantilização da literatura negra no Brasil, a autora alerta sobre os perigos da criação de estereótipos e de novas narrativas nos paratextos. Por outro lado, é nos paratextos que também pode ser promovida a visibilidade de pessoas e produções negras a partir de informações como prêmios, referências culturais e raciais e textos de cunho político em prefácios e notas de rodapé, a exemplo da obra analisada pela autora.

A segunda, de Felipe Fanuel, intitulada "(Tra)dicções de Lélia Gonzalez: um projeto de tradução do pensamento afro-diaspórico", oferece um panorama crítico dos operadores teóricos-metodológicos para tradizer a obra da intelectual brasileira Lélia Gonzalez em inglês, pensados a partir de três conceitos-chave que perpassam sua própria produção: a Améfrica Ladina, em que a inclusão do "f" no meio da palavra América e a troca do "t" pelo "d" em Latina destacam os legados africanos e indígenas nas culturas e identidades nas Américas ao mesmo tempo que expõem as violências coloniais; o feminismo afro-latino-americano que reelabora e reinscreve significados a partir de uma perspectiva negra e decolonial no campo da linguagem, na qual emerge o terceiro conceito; o pretuguês que é a expressão linguística da amefricanidade. A indissociabilidade desses conceitos na tradução de sua obra é atentar para a ética da "densidade histórica e simbólica de sua linguagem, bem como à política de sua estética".

Em seguida, a discussão sobre tradução e gênero é apresentada em três contribuições que compõem este dossiê. A primeira, de Luciana Carvalho Fonseca, intitulada "Interpretação feminista: revisitando os Estudos da Interpretação", traça um perfil histórico dos Estudos da Interpretação Feminista a partir de obras que contribuíram para o fortalecimento do campo, chamando a atenção para a "virada cultural tardia nos Estudos da Interpretação". A pesquisadora apresenta pesquisas recentes e explora a definição de "interpretação feminista", um subcampo dos Estudos da Interpretação atrelado, especialmente, ao campo da tradução comunitária em países com grandes populações migrantes. Em particular, o seu estudo concentra-se na experiência de parto de brasileiras em instituições de saúde alemãs, especificamente na atuação de doulas-intérpretes, com o objetivo de proteger essas mulheres.

O artigo de Yuri Jivago Amorim Caribé, intitulado "Literatura *Queer* em tradução no Brasil: uma reflexão crítica", investiga o circuito transnacional de obras *queer* em língua inglesa no intervalo de 1995 a 2024. A análise centra-se no

corpus dessas narrativas traduzidas e publicadas no Brasil, examinando a existência de um viés mercadológico e editorial que favorece pautas, identidades e autores específicos. A pesquisa parte da teoria *queer* que propõe desafiar identidades, a leitura heteronormativa e as práticas e posicionamentos políticos a partir de parâmetros apresentados pelo autor em uma amostra de obras contemporâneas traduzidas e não traduzidas que, segundo o autor, vêm crescendo no país.

No texto "Ethos coletivo, redes de luta e práticas de escrita e (auto)tradução em colaboração: o caso de *Revenge of the Apple* / *Venganza de la Manzana*, de Alicia Partnoy", traduzido por Paloma dos Santos Schlemper e revisado por Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra, a pesquisadora Maria Laura Spoturno analisa como Partnoy reconstrói sua identidade individual e coletiva através da escrita e da autotradução colaborativa de seu livro de poesia testemunhal *Revenge of the Apple* / *Venganza de la manzana*. Ao resgatar suas memórias como exilada e presa política da ditadura militar argentina, a obra se conecta diretamente aos discursos de solidariedade global e às lutas históricas pelos direitos humanos e pelos direitos das mulheres.

Assim, os textos deste dossiê nos trazem uma pequena amostra de um evento voltado principalmente a questões políticas e de acessibilidade, o que sugere tendências na investigação científica sobre tradução e interpretação. Não é à toa que, a partir de 2026, a ABRAPT passa a ser denominada Associação Brasileira de Pesquisa em Tradução e Interpretação, tendo seu acrônimo modificado para ABRAPTI, um anseio da comunidade tanto para retirar o "masculino generalizador" (pesquisadores) quanto para incluir "interpretação" no nome da associação. Essa mudança foi discutida e referendada na Assembleia Geral da ABRAPT em 13 de novembro de 2025. Esperamos que o conceito de comunidade continue a unir a diversidade e a alteridade, não somente no título

do ENTRAD 2025, mas também agora no nome da associação, e que a associação mantenha essa política cada vez mais inclusiva. Vida longa à ABRAPTI!

Desejamos uma ótima leitura.

Eliza, Maria Alice e Monique.

REFERÊNCIAS

DUARTE, C. L. Escritoras nordestinas do século XIX: resgate e história. **Estudos Linguísticos e Literários,** Salvador, n. 59, p. 177–184, 2018. DOI: 10.9771/ell.v0i59.28871. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28871. Acesso em: 11 jun. 2026.

DUARTE, R. de J. Políticas de memória e literatura negra na Bahia: uma proposta de constituição de um acervo digital. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 76, p. 1–16, 2023. DOI: 10.9771/ell.v0i76.54113. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/54113. Acesso em: 29 maio. 2026.

FERNANDEZ, R. A. Negritude obliterada nos poemas e na obra de Carolina Maria de Jesus. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 59, p. 381–393, 2018. DOI: 10.9771/ell.v0i59.28883. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28883. Acesso em: 3 jun. 2026.

SOUZA, P. D. dos S. "Na qual se lhes ensine [...] a ler, escrever, e contar": política linguística e escola para índios na Bahia (1758-1834). **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 68, p. 670–705, 2021. DOI: 10.9771/ell.v0i68.41946. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/41946. Acesso em: 29 maio. 2026.

VIEIRA, N. R. F. Sobre resgate e descentramento nos estudos literários. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 59, p. 198–208, 2018. DOI: 10.9771/ell.v0i59.28873. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28873. Acesso em: 11 jun. 2026.